

A Democracia nos dias de hoje não pode viver apenas do voto das pessoas, ela precisa de viver da dinâmica da progressiva conquista, por mais e melhores direitos para todos, e alimentar-se, diariamente, da participação cívica, da proximidade entre eleitos e eleitores e do grau de cultura dos seus cidadãos.

Aonde existir **fome**, falta de saúde, desemprego ou trabalho precário, falta de habitação, insegurança social e persistir o analfabetismo, a democracia andará, sempre, muito coxa.

Por outro lado, só uma maioria que, realmente, saiba interpretar o querer e sentir do **Povo** pode representar, o mesmo Povo, por isso é fundamental num Estado Democrático o direito a um **ensino gratuito e universal**.

Mas essa representatividade não pode ser meramente formal e assentar só em presentes e futuros sufrágios, tantas vezes com anos e anos de intervalo. Os eleitos devem assumir e cumprir o dever de ouvirem os eleitores e fazerem a ponte entre o **cidadão e o poder**.

A maioria deve também auscultar **a minoria**, o partido mais votado em determinado país, talvez nunca viesse a sê-lo se a própria sociedade aonde cresceu, não lhe tivesse dado oportunidades de propor as suas ideias quando foi minoritário, e não tivesse tido a oportunidade de se fazer escutar. Em algumas democracias é a minoria a própria voz do povo amordaçado e em muitas democracias, é, mesmo, **a única voz dos excluídos**

Por sua vez, em países economicamente desenvolvidos, alguns lobbies podem condicionar e prejudicar o bem-estar dos cidadãos, e o exercício da denúncia que raramente convém aos governos, recai frequentemente nas minorias que travam desigual combate alertando os cidadãos para os abusos do poder.

Por outro lado, os paradigmas do nosso tempo têm consolidado um egocentrismo em detrimento da **solidariedade**.

Por isso, a Democracia, nos dias de hoje, exige também uma real **cidadania**, enquanto direito, mas também enquanto dever e qualidade. Qualidade de quem é cidadão nesta grande cidade que é o Mundo, com o dever de respeitar os direitos dos outros.

É preciso, ainda, estar muito atento aos que falando em cidadania a combatem

Em **Roma** o direito de cidade apenas era aplicado aos cidadãos romanos. Aos outros, aos estrangeiros, era aplicado o direito das gentes, prescrições consuetudinárias baseadas no direito natural.

No tempo **do Imperador Caracala**, o direito de cidade foi, progressivamente, concedido a todos os habitantes do Império. Porém a extensão do Império era muito pequena e esta aparente concessão apenas servia o objectivo de alargar os impostos e a ambição de Roma.

Assim, Roma, tal como antes a Grécia, viviam e pensavam, como se fossem o único povo do mundo, todos os outros seriam os bárbaros, estranhos à única civilização que era considerada, a sua. Apetece comentar como a história, nos dias de hoje, se parece repetir...

Na verdade, ÀS VEZES PARECE QUE A HISTÓRIA SE REPETE COMO SE QUISESSE ALERTAR OS HOMENS PARA OS SEUS, TAMBÉM, REPETIDOS ERROS.

Hoje os Estados Unidos são o Império Romano e a dita globalização uma espécie de direito romano. Efectivamente,

Na globalização pretendida hoje pelo Império das democracias dos países ricos com os Estados Unidos à cabeça e com os aplausos do FMI e Banco Mundial sentimos muito do espírito desse sanguinário Imperador nesta benesse, porque vemos repetida muita dessa ganância especulativa, muita ambição num alargamento de novos espaços a um capitalismo selvagem.

É preciso, com efeito, estarmos todos vigilantes

Torna-se, ainda, urgente vitalizar a **Democracia** e isso só pode acontecer, estando, sempre, ao lado do Povo na resolução efectiva dos seus problemas e anseios.

A Democracia precisa, ainda, do **oxigénio da solidariedade** pois o individualismo neoliberal e a ganância especulativa são, na verdade, os seus principais inimigos.

As democracias não se podem isolar mas também não podem servir de estratégias de exploração e de neocolonização dos fortes sobres os fracos para onde viajarão os subprodutos dispensados pelo fastio do consumo dos produtos dos primeiros.

O poder do Povo tem a ver com o progresso, com o bem e com a justiça.

Esta dita globalização é sobretudo de pendor económico e infelizmente sem sinais de solidariedade para com os países mais pobres.

Sendo, então, o mundo a grande cidade nos nossos dias como deverá o seu cidadão viver em Democracia?

Um direito é geral, abstracto sem olhar a credos, religiões, lugar de nascimento, cor de pele, condição económica.

Esse direito não pode ser dado, tem de ser diariamente **conquistado**, torná-lo gente e isso é uma tarefa de cada um e de todos nós.

Sendo assim, a resposta é que estamos muito longe de um universal direito de cidadania e estamos, infelizmente, demasiado perto, ainda, do que se passava nas antigas civilizações.

Continua a haver Impérios de porta fechada para a defesa da dignidade humana e de portas escancaradas para a defesa do consumismo demolidor.

Falar do direito de cidadania a um moçambicano pode significar o direito a matar a fome, a um argelino o direito a viver com os chefes que quiser, para um americano o de destruir um país para dar segurança ao seu próprio povo e os significados vão dependendo dos cidadãos, dos países e das suas prioridades.

Uma coisa é certa, todos eles pensam apenas em si, enquanto aglomerados de cidadãos **isolados** e assim quem deveria fortalecer a cidadania acaba por a fazer perecer, os próprios cidadãos.

Não importa abolir fronteiras ou suprimir passaportes, as barreiras são endémicas nesta cidade, aonde há ruas de ouro e bairros sem nada nem mesmo lata porque nem batatas há para comer. A cidade cria bandos de agitados que deste desequilíbrio recrutam e fomentam terror e mais terror, ao lado dos que nas armas, julgam, erradamente, poder contê-lo.

Por sua vez, internamente, a democracia, eleitoral sem conteúdo e substância que implique uma procura constante de melhores condições de vida para os cidadãos que implique uma maior dignidade, não é mais do que uma democracia formal mas sem qualquer substância ou conteúdo.

Que solução? Pergunto de novo.

Preservar a identidade, a matriz em todo o lado e por todos nós e que é a **vida**. Sem vida, não haverá democracia e esta se não defender a vida pode ser tudo menos democracia. A vida com tudo o que ela implique de satisfação de direitos e necessidades básicas aos cidadãos.

A seguir devemos lutar pela sua **dignificação**, exigindo não só o cumprimento e satisfação desses direitos elementares mas sobretudo a sua progressiva evolução e melhoria.

Os nossos representantes têm de o ser durante todo o período para que foram eleitos, e a sua missão de voz dos seus eleitores só deve terminar no último dia do seu mandato. Os cidadãos, por sua vez, devem participar em todas as estruturas sociais, profissionais e políticas ao seu alcance, não pensar que basta ter escolhido a sua voz e terminou aí a sua tarefa democrática, têm de exercer uma constante pressão uma contínua actividade participativa sobre os órgãos do poder, sempre contrariados com as mudanças indispensáveis ou vozes indesejáveis

Os cidadãos têm de ser **células vivas** como as suas estruturas representativas têm de ser órgãos vivos, num corpo social e político de boa saúde, activo e a caminhar para um progressivo bem-estar.

A segurança e a paz são também objectivos de uma democracia realmente participativa mais humanizada e menos mercantilizada, por isso é urgente um maior equilíbrio na distribuição da riqueza. Sem isso, a cidadania é um luxo só de alguns e muito poucos. Nesta cidade global.

Viver uma verdadeira cidadania, exige, pois, a participação dos outros seres vivos, esses que, no nosso tempo, morrem à fome, à doença e servem de escudos e cobaias, e que, raramente, chegam às mesas eleitorais. Se não lhe dermos voz quem falará por eles?

Mais cedo ou mais tarde caminhamos, assim o creio, para um só governo, um só estado, o da Terra, onde todos os povos, todos os credos, raças e religiões estarão representados e serão respeitados, e o bem de todos será o próprio bem da terra

Mas até lá, sob pena de auto-liquidação, a Humanidade terá de aspirar e lutar por uma comunidade interna e comunidade internacional, cada vez mais justas e aonde estamos todos **condenados a viver e a lutar** por uma vida melhor para todos nós.

Muito obrigado